

A PERCEPÇÃO ORIGINÁRIA COMO PRIMÁRIA E FUNDANTE DO CONHECIMENTO EM MERLEAU-PONTY

THE ORIGINAL PERCEPTION AS PRIMARY AND FOUNDATIONAL OF KNOWLEDGE IN MERLEAU-PONTY

Josiana Hadlich de Oliveira*

Resumo: Nesse artigo será dado destaque a certas críticas que foram dirigidas a Merleau-Ponty em sua comunicação intitulada “*O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*”. A teoria da percepção merleau-pontyana é acusada de ser um relativismo por afirmar que a percepção depende das coisas e de nosso corpo e, assim, de ser um retorno ao protagonismo já que o que é percebido depende do sujeito percebido. Mas é necessário mostrar uma ideia contrária a esse relativismo, na qual Merleau-Ponty esboça os pontos de sua teoria que traz a percepção como a principal modalidade da consciência e que tem como conseqüências a re-conquista do mundo percebido, através de um retorno reflexivo às origens da percepção que é fundante de toda experiência científica, ética e racional, e a veracidade da realidade através da comunicação objetivante daquilo que é percebido.

Palavras-chave: Percepção. Reflexão Iniciante. Conhecimento. Merleau-Ponty.

Abstract: In this article emphasis will be given to the some critiques that were directed to Merleau-Ponty in its communication “*The primacy of perception and its philosophical consequences*”. The Merleau-Ponty theory of perception is accused of being a relativism by affirming that the perception depends on things and our body, and so of being a return to protagonism since what is perceived depends on the perceiver subject. But it is necessary to show a contrary idea to this relativism, in which Merleau-Ponty outlines the points of his theory that gives the perception as the primary modality of conscience and has, as consequences, the re-conquest of the world perceived, through a reflexive return to the origins of perception that is founding to all scientific, ethics and rational experimentation, and reality’s veracity through objectifying communication of what is perceived.

Keywords: Perception. Reflection Beginner. Knowledge. Merleau-Ponty.

A obra de Merleau-Ponty está centrada no conceito de percepção, no retorno reflexivo a uma percepção originária que nos coloca no contato primordial com o mundo e com o leque de objetos existentes e inerentes a esse mundo. Pelo conceito de corpo, entendido como *Leib*, ao qual atribui características filosóficas diferentes daquelas dada pela ciência e pela tradição cartesiana, Merleau-Ponty procura explicitar

* Graduada em Filosofia e mestranda na linha de Fenomenologia e Compreensão pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). josianah.deoliveira@gmail.com

a gênese do conhecimento que parece ocorrer a partir da compreensão da inserção do homem no mundo, isto é, a partir da experiência vivida. Na sua conferência realizada em 1947, encontrada no livro intitulado “*O primado da percepção e suas consequências filosóficas*”, Merleau-Ponty esboça e mostra, não tão detalhadamente como no “*Fenomenologia da Percepção*”, os pontos de sua teoria que traz a percepção como a principal modalidade da consciência e que tem como consequência a reconquista do mundo percebido, através de um retorno reflexivo às origens da percepção, onde se funda toda experiência científica, ética e racional. Esta obra será central nesse artigo que irá destacar importância às críticas dirigidas a Merleau-Ponty com relação a sua filosofia da percepção ser considerada um relativismo e um retorno a Protágoras e de não ter relevância alguma para a evolução de uma teoria do conhecimento.

É contra o pensamento clássico que super valoriza o inteligível e faz do sensível uma noção que cria obstáculos e nos põe no erro, que Merleau-Ponty se levanta defendendo uma comunhão entre o sentir e o entender. Em todo conhecimento, o sensível é necessário na medida em que une o sujeito que conhece ao objeto que é conhecido. Sendo assim, fica clara a preocupação com a definição de que todo conhecimento presente em nossa consciência trilhou a estrada da percepção.

A experiência da percepção

O conceito de percepção nos mostra que o próprio mundo exterior não é uma soma de objetos e coisas isoladas, mas é algo organizado em formas e estruturas complexas dotadas de sentido. Uma montanha, por exemplo, não é uma soma de coisas como árvores, arbustos, um montante de terra que estão próximas umas das outras, mas é a percepção dessas coisas que acabam por formar um todo complexo e com sentido. A montanha poderá ser intencionada de maneira distinta a partir do sujeito que a percebe: a montanha será um desafio para um montanhista, um espetáculo de contemplação para o sujeito da percepção que pode admirá-la e, se este sujeito for um pintor, a montanha se tornará um objeto de inspiração. Tendo isso em vista, entenderemos que o primado da percepção nos mostra que

[...] a experiência da percepção nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas, as verdades, os bens; que a percepção nos dá um logos em estado nascente, que ela nos ensina,

fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade¹.

Perceber um objeto não nos permite ver esse objeto de uma só vez, pois todo objeto que se presentifica nos dá apenas um de seus lados. O lado não visto do objeto “é apreendido por mim como presente”², não posso apreendê-lo como representado já que isso implicaria na apreensão de algo que me é somente possível e não existente atualmente. Isso não ocorre com o lado não visto do objeto. O lado não visto do objeto “está presente a seu modo”³ e não precisaríamos de uma atividade intelectual para torná-lo presente a nós, pois o lado não visto pode se tornar visível na medida em que caminho em torno do objeto ou o pego e o giro para perceber o seu lado oculto. Merleau-Ponty dirá que se trata de uma síntese prática para se obter a percepção total do objeto. Ou na linguagem husserliana, que “a síntese que compõe os objetos percebidos e que afeta em certo sentido os dados perceptivos”⁴ é uma “síntese de transição”, ou seja, antecipo o lado não visto do objeto ao poder tocá-lo, fazendo com que o lado não visto se anuncie. Certamente, algo diferente se dá com o cientista que pensa o objeto por inteiro para caracterizá-lo de acordo com a sua ciência. Um matemático, por exemplo, pensa no cubo como uma figura de seis lados. Todas as faces do cubo lhes são dadas no pensamento.

Nós interagimos com o mundo. O mundo percebido tem qualidades, significações, estruturação e como sujeitos ativos encarnados nesse mundo damos às coisas percebidas sentidos e valores. Assim, na percepção há uma relação entre as coisas e nós, e vice-versa. Embora perceber ser diferente de pensar, isso não torna a percepção inferior ao pensamento, nem a torna algo que não se possa confiar. Não são os objetos que causam a percepção em nós, nem nosso corpo que a causa sobre as coisas, mas há uma relação de reciprocidade que só é possível por sermos, nós e as coisas, corporais.

Sendo a percepção uma relação do sujeito com o mundo exterior, temos nela presenças e não verdades que as ciências procuram mostrar. Não existem reações físico-fisiológicas de um sujeito físico-fisiológico causadas por estímulos externos (como diria o behaviorismo), nem existe uma ideia formalizada pelo sujeito intelectualizado. A relação que se dá na percepção entre o percebido e o percebedor não se daria se um dos

¹ MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*, p. 63.

² *Ibidem*, p. 45.

³ *Ibidem*, p. 45.

⁴ *Ibidem*, p. 47.

dois saísse de cena. O percebido não é estranho àquele que percebe, mas lhe é imamente e anuncia sempre um além daquilo que está dado de imediato, comportando assim uma transcendência.

Desse modo, o percebido será presença e ausência ao mesmo tempo, e poder-se-ia questionar se ele nunca será abarcado em sua totalidade e se isso não seria de alguma forma contraditório. Merleau-Ponty responderia que diante da noção de perspectiva a aparição de um objeto requer sempre essa presença e essa ausência, pois em toda percepção a presentificação de “alguma coisa” vem acompanhada de uma transcendência que nos traduz a ideia de um mundo inesgotável⁵. Sempre que algo se mostra a mim, eu percebo em sua transcendência como coisa física⁶, porém jamais abarcada por inteiro em seus muitos horizontes.

É feita pela ciência uma descaracterização da ordem do percebido que atribui à percepção aquilo que supomos nos objetos, supondo como fenômeno da percepção meras explicações sobre o mundo físico. Há motivos para a forma como percebemos o mundo; os elementos que ali estão presentes fazem parte de uma lógica de sentido; os elementos atuam segundo essa lógica que a experiência do corpo apreende na sua ligação e na sua comunicação com o mundo. O problema surge ao se falar em causalidade, pois a causa substitui essa lógica de sentido em que o mundo se abre, por uma representação da natureza, construída pelo pensamento. As críticas de Merleau-Ponty à psicologia da *Gestalt*⁷, diz respeito ao fato dela ter tocado no fenômeno originário da percepção através da noção de forma ou estrutura, acabando por moldá-lo em uma ciência objetiva. Nesse sentido, Merleau-Ponty critica a teoria do isomorfismo, que pretende reduzir as estruturas perceptivas à fisiologia cerebral (que seria o ideal para uma explicação psicológica), ou seja, os psicólogos da *Gestalttheorie* defendem um sistema de isomorfismo entre as formas e o nosso sistema nervoso, que permite a elas coordená-lo e serem consideradas a “causa” dos processos neurológicos e da percepção objetiva.

Na leitura que Merleau-Ponty faz da *Gestalttheorie*, a Forma é reconhecida como originária, “é a própria aparição do mundo e não sua condição de possibilidade [...] é a identidade entre o exterior e o interior e não a projeção do interior no exterior”⁸. Os fenômenos da percepção não dependem de uma representação psíquica externa aos

⁵ Cf. MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*, p. 14.

⁶ Cf. HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, § 40.

⁷ Cf. MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*, p. 78-81.

⁸ *Ibidem*, p. 95.

elementos sensíveis de nossa experiência. A ligação entre a forma percebida e contexto em que nosso corpo se situa ao percebê-la demonstra que os fenômenos estão inseparavelmente vinculados às nossas experiências. Há uma espécie de “fé perceptiva” na percepção da própria coisa quando esta se encontra no campo de minha exploração e a coisa diante de mim “mantém uma relação singular com meus olhos e meu corpo: só a vejo se ela estiver no raio de ação deles”⁹.

Em suma, a percepção depende das coisas e de nosso corpo, depende do mundo em que vivemos e de nossos sentidos, depende daquilo que é externo e interno, e por isso Merleau-Ponty fala em campo perceptivo para demarcar a relação complexa entre o corpo que é sujeito e o corpo que é objeto num campo de significações que são visuais, tácteis, olfativas, espaciais, temporais, lingüísticas. A percepção é a comunicação com o mundo, é a valoração que fazemos dele baseando-nos na estrutura relacional entre nosso corpo e o mundo.

Entretanto, sendo a percepção o entrelaçamento entre o nosso corpo e o mundo circundante (*Umwelt*), poderíamos entender que a existência das coisas só é possível com relação a nós? O homem seria então a medida para todas as coisas?

Mundo percebido: protagorismo?

Uma das críticas dirigidas a Merleau-Ponty é a de que ele estaria expondo um relativismo ao afirmar que as significações do mundo emergem a partir da atuação do sensível no campo perceptivo do ser humano. Dessa forma, alguns lembrariam Protágoras e sua teoria de que os homens sendo a medida de todas as coisas, por consequência, nenhuma medida pode ser a medida para todos os homens. Assim, as coisas vão ser conhecidas particularmente por cada indivíduo.

Contudo, quando falamos de percepção, estamos falando de diferentes perspectivas que podem se manifestar nos sujeitos. Tais perspectivas nos levam a compreensão de uma totalidade na qual todos os sujeitos estão inseridos e, dessa forma, o perspectivismo não é um relativismo. Em outras palavras, Merleau-Ponty, juntamente com Husserl, dirá que a metodologia fenomenológica nos conduz a abandonar uma visão dogmática e absoluta reconhecendo que a minha percepção é uma entre outras possíveis; e a adotar um certo relativismo de perspectivas variadas que conduzem à

⁹ MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*, p. 18.

compreensão da realidade e da verdade embora sempre dependentes da posição e situação em que se está inserido no tocante à percepção, ao meio social ou intelectual, ao meio sócio-cultural histórico ou religioso.

Porém, quando se trata de conhecer as coisas, como poderemos obter um saber único da mesma coisa diante das diferentes perspectivas? Como saberei que o que eu percebo é também aquilo que o outro percebe? Posso não saber se o outro percebe uma cor com mais vivacidade ou menos vivacidade do que eu, se ele percebe um som com mais intensidade ou menos intensidade do que eu, mas o que nos mostra que estamos inseridos em um mesmo mundo, que percebemos o mesmo carro vermelho passando na rua (embora para mim possa ser mais vermelho do que para o outro), que vemos a mesma xícara sobre a mesa (independente de como intencionamos tal objeto); o que me inclina imediatamente a apontar para um objeto, dizer algo sobre ele e ter a certeza de que o outro verá o mesmo objeto é a falta de falha na nossa comunicação. Se a comunicação entre eu e o outro, entre as nossas percepções, não falhar, podemos afirmar que estamos percebendo a mesma coisa e conseqüentemente podemos conhecer a mesma coisa¹⁰.

Por esta razão, não há dois mundos distintos conectados pela linguagem. Há uma exigência da coisa ser vista por mim e pelo outro, “de que o que é visto por mim seja visto por ele”¹¹; há uma imposição da coisa como real em sua evidência sensível para todo o sujeito, da coisa como real para todo sujeito que está presente no meu mesmo âmbito de percepção. Pois,

[...] do mesmo modo que meu corpo, como sistema de minhas abordagens sobre o mundo, funda a unidade dos objetos que eu percebo, do mesmo modo o corpo do outro, como portador das condutas simbólicas e da conduta do verdadeiro, afasta-se da condição de um de meus fenômenos, propõe-me a tarefa de uma verdadeira comunicação e confere a meus objetos a dimensão nova do ser intersubjetivo ou da objetividade¹².

Pela percepção ser conquistada pela inteligência, pelas afirmações científicas tornarem o fato algo inteligível¹³, pela volta ao irrefletido ser compreendida pela

¹⁰ Em *O primado da percepção...*, p. 50, Merleau-Ponty diz: “Se eu e um amigo estamos diante de uma paisagem e se tento mostrar a meu amigo algo que eu vejo e que ele ainda não vê, não podemos dar conta da situação dizendo que eu vejo algo em meu mundo próprio e que tento por mensagens verbais suscitar no mundo de meu amigo uma percepção análoga [...]”.

¹¹ MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção...*, p. 50.

¹² *Ibidem*, p. 51.

¹³ Ideia de Brunschvicg (1869-1944) citada por Merleau-Ponty em “*O Primado da Percepção...*”. Brunschvicg foi um filósofo francês que acreditava que filosofia e ciência avançavam irmanadas.

reflexão, é que podemos elucidar o mundo pré-científico no qual toda ciência está fundada, mundo do qual nunca se termina de fazer a análise. Pelo mesmo horizonte existente na percepção e no pensamento é que se torna possível entender a percepção em seu primado intelectualista, pois a re-tomada da percepção originária, que está aquém de toda reflexão científica, é intelectualmente apreendida pela luz de uma consciência intelectual. Em resumo, é a própria inteligência humana que se volta para a sua camada fundadora a fim de descrever o nascimento de toda percepção fundante da uma reflexão iniciante, já que “tudo aquilo que eu sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada.”¹⁴

Em “*O primado da percepção...*”, é levantada a questão de como esse estudo da percepção pode servir para a evolução científica¹⁵. Essa crítica é de importância quando estamos tentando mostrar que o mundo da ciência é fundado no mundo vivido (*Lebenswelt*) do sujeito da percepção. Ao ultrapassarmos o mundo da percepção, no qual nunca deixamos de viver e atuar, pelo pensamento crítico, acabamos por esquecer a contribuição dada pela percepção para a construção de uma concepção de verdade.

Percepção e teoria do conhecimento

Os cientistas diriam que a percepção no nível da experiência vivida não descreve os objetos como a ciência. Nós filósofos da fenomenologia concordaríamos com isso. Realmente a ciência analisa e desmembra o objeto de uma forma diferente e de acordo com a ciência que está sendo utilizada. O homem no campo perceptivo não faz o detalhamento que o cientista faz do objeto, mas ele percebe de imediato o objeto que já possui uma significação ligada ao sensível. A questão aqui é que o objeto é o mesmo tanto para o homem do mundo perceptivo quanto para o homem de ciência. É justamente nesse ponto que se encontra a peculiaridade que faz da percepção o mundo da reflexão iniciante, a camada anterior ao mundo científico.

Se Merleau-Ponty dirige-se ao mundo da percepção com tanta ênfase, isso não significa que ele renuncie à reflexão em favor do imediato. Ao contrário, o nosso reencontro com o mundo da percepção é uma maneira de compreender a reflexão a

Desenvolveu a partir do *método reflexivo* uma postura filosófica onde a ação do espírito expressa-se nas verdades científicas.

¹⁴ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Prefácio, p. 3.

¹⁵ Cf. p. 51.

partir do que é para ela um limite e não o que nela é encerrado como pensamento. É à medida que descrevemos a primordialidade da experiência perceptiva frente à reflexão que compreendemos o mundo objetivo, restituindo a fisionomia concreta à coisa e imanência carnal no mundo ao sujeito. A demarcação do irrefletido nos ajuda a compreender nossa capacidade reflexiva e criadora de instituir significações, e a reflexão toma por base os fenômenos que nascem junto ao nosso corpo e aos dados sobre os quais os fenômenos se aplicam. Assim,

[...] se queremos que a reflexão conserve os caracteres descritivos do objeto ao qual ela se dirige e o compreenda verdadeiramente, não devemos considerá-la como simples retorno a uma razão universal, realizá-la antecipadamente no irrefletido, devemos considerá-la como uma operação criadora que participa ela mesma da facticidade do irrefletido¹⁶.

Mesmo que a tradição cartesiana só reconheça nas experiências elementos subsidiários de nossa existência, Merleau-Ponty admite um poder criador em nossas experiências, acredita que “a mesma capacidade criadora que está operando na imaginação e na ideação está em germe de primeira percepção humana”¹⁷.

Diferentemente das teorias empiristas e das teorias racionalistas intelectualistas do conhecimento, onde nas primeiras a percepção é uma ideia que dá origem às ideias abstratas do pensamento, sendo ela a única fonte de conhecimento e, nas segundas, onde a percepção é considerada um motivo de desconfiança para o conhecimento por depender da situação de quem percebe¹⁸, a teoria fenomenológica do conhecimento considera a percepção como originária e peça principal de todo conhecimento humano. Aqui a percepção se realizará por perfis ou perspectivas¹⁹, isto é, como já foi dito, nunca podemos perceber de uma só vez o objeto, apenas a face que se mostrar dele.

Para a concepção racionalista intelectualista, o pensamento filosófico e científico deve abandonar os dados da percepção a fim de formular as ideias em relação com o percebido explicando e corrigindo a percepção. O problema é que o cientista

¹⁶ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*, p. 95.

¹⁷ _____. *O primado da percepção...*, p. 89.

¹⁸ No racionalismo (principalmente cartesiano) freqüentemente a imagem percebida não corresponde à realidade do objeto.

¹⁹ Quando dizemos perceber os objetos, os percebemos de forma inadequada, numa aparência fechada, finita, isto é dizer juntamente com Husserl em *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, que vemos “perfis de coisas” ou que temos “percepção de perfis”. Embora a percepção de um objeto apresente uma certa inadequação intrínseca a esse modo de aparição por meio do que Husserl chama de “perfis”, se faz necessário o reenvio (considerado inesgotável) de um perfil a outros perfis, para possibilitar a apreensão do objeto enquanto objeto total, como um corpo. Ou seja, como a percepção é sempre dada por perfis, o objeto será a síntese da totalidade desses perfis.

pressupõe o percebido sem nunca explicar o que seja a percepção²⁰, sem nunca se voltar para esse universo de experiências que desde sempre esteve presente, embora com outras determinações, no universo da ciência. Há uma pressuposição constante do mundo perceptivo nas afirmações da ciência; elas recorrem à percepção quando alguma hipótese parece não ter vingado; é na nossa experiência “que está aquém da afirmação e da negação, aquém do juízo – opiniões críticas, operações ulteriores”²¹, que “é mais velha que qualquer opinião”²², que a ciência vem habitar o mundo percebido de maneira corporal, embora analítica. Porém, o projeto de Merleau-Ponty de restituição de nosso contato com o mundo da percepção não é um consentimento ao empirismo. O mundo visado por Merleau-Ponty não é um mundo já pensado pela investigação científica, o qual o empirista simplesmente retoma com ar de epistemólogo para quem o mundo já é por si mesmo determinado e encerra uma verdade que nossa subjetividade pode representar. O mundo visado no pensamento merleau-pontyano é aquele no qual perceber é sempre ter uma experiência dotada de significação, é ter o conhecimento de um sujeito corporal de tal modo que as condições dos objetos percebidos são configuradas pela condição da nossa estrutura corporal. Assim, a experiência corporal “não é um caso particular de conhecimento; ela nos fornece uma maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto”²³.

Contudo, não serviria somente à psicologia tal teoria da percepção, como também às demais ciências. Na psicologia certamente haverá mudanças em sua forma de circunscrever o irracional sem ser uma visão superficial, caso contrário, “a psicologia está condenada a esta abstração exorbitante de apenas considerar o homem como um conjunto de terminações nervosas sobre as quais incidem os agentes físico-químicos”²⁴. Quanto às demais ciências, ao considerarem que há na percepção uma base fundante e primária do conhecimento, a qual poderão sempre retornar para reconstruir, reformular ou até mesmo começar análises científicas, entenderão que a fenomenologia da percepção não quer desqualificá-las do seu status de ciência, mas compreenderão que

[...] não se trata de por a fé perceptiva no lugar da reflexão mas, ao contrário, de abarcar a situação total que comporta reenvio de uma a outra. O que se obtém não é um mundo maciço e opaco ou um universo do pensamento adequado; é uma reflexão que retorna sobre a

²⁰ Cf. MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*, p. 25-37.

²¹ *Ibidem*, p. 37.

²² MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*, p. 37.

²³ _____. *Fenomenologia da Percepção*, p. 195.

²⁴ _____. *O visível e o invisível*, p. 33.

espessura do mundo para iluminá-lo, mas que em seguida lhe devolve somente a sua própria luz²⁵.

Nas páginas finais de “*O primado da percepção...*” Merleau-Ponty nos fala que o mundo percebido é o terreno de aplicação para o qual se voltam nossos objetivos de ciência e de pensamento. Evidentemente isso tornará o cientista o homem que dividirá o âmbito do verdadeiro com o filósofo. Porém, que a análise filosófica da verdade não sirva de ameaça para a construção da verdade científica, e sim que sirva como complemento de uma na outra numa conversação dialética. Mesmo que o objeto tenha seu lugar num horizonte de mundo, que ele seja desvendado como convém de acordo com seus elementos perceptivos, a percepção sempre será a camada primordial, e talvez esquecida, do mundo e de seu conjunto múltiplo de análises e sínteses possíveis, e ela sempre estará ali pressuposta enquanto perceber for entendido como “tornar algo presente a si com ajuda do corpo”²⁶.

Referências

- CARMO, P. S. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.
- CHAUÍ, M. S. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção Tópicos).
- DE WAELHENS, A. *Phénoménologie et Vérité*. Paris: PUF, 1953.
- HUSSERL, E. *Ideias (I) Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- _____. *Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia..* Porto: RÉS-Editora, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Texto original publicado em 1945)
- _____. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.
- _____. *O Visível e o Invisível*. Col. Debates. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. (Texto original publicado em 1964)
- MOUTINHO, L. D. S. *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MOURA, C. A. R. *Racionalidade e Crise: estudos da História da Filosofia Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial/Editora da UFPR, 2001.
- MÜLLER, M. J. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- OLIVEIRA, N. F. *Philosophia semper reformada: husserlian theses on constitution*. In: *Fenomenologia hoje: existência, ser e sentido no alvorecer do século XXI*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 247-268.

²⁵*Ibidem*, p. 44.

²⁶MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção...*, p. 92.

- PAVIANI, J. A reflexão dialética e a fé perceptiva em Merleau-Ponty. In: *Fenomenologia hoje: existência, ser e sentido no alvorecer do século XXI*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 269-278.
- SICHÈRE, B. *Merleau-Ponty ou le corps de la philosophie*. Bernard Grasset: Paris, 1982.
- SILVA, C. A. F. *A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.
- SOMBRA, J. C. *A subjetividade corpórea: a naturalização da subjetividade na filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo: UNESP, 2006.

Artigo recebido em: 27 09//11

Aceito em: 19/12/11